

## “Pódio de Talentos”

### «Relembrando João Villaret»



**João Henrique Pereira Villaret** - (Lisboa, 10 de Maio de 1913 — Lisboa, 21 de Janeiro de 1961) foi um actor, encenador e declamador português.

#### No teatro

Depois de frequentar o Conservatório Nacional de Teatro, começou por integrar o elenco da companhia de teatro lisboeta Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro.

Mais tarde, fez parte da companhia teatral *Os Comediantes de Lisboa*, fundada em 1944 por António Lopes Ribeiro e o seu irmão Francisco, mais conhecido por Ribeirinho.

Teve uma interpretação considerada antológica na peça *Esta Noite Choveu Prata*, de Pedro Bloch, em 1954, no extinto Teatro Avenida, em Lisboa.

#### No cinema

No cinema, Villaret surge em:

*O Pai Tirano*, de António Lopes Ribeiro (1941), numa breve aparição, como pedinte mudo; *Inês de Castro*, de Leitão de Barros (1945), onde representa Martin, o bobo; *Camões*, de Leitão de Barros (1946); *Três Espelhos*, de Ladislao Vajda (1947), onde representa o inspector; *Frei Luís de Sousa*, de António Lopes Ribeiro (1950), no papel de criado; *O Primo Basílio*, de António Lopes Ribeiro (1959).

#### Declamador

A Múmia; A Senhora de Brabante; Adivinha; Balada da Neve; Cântico Negro; D. Filipa D. Dinis O Mostrenço; Esta Vida é um Corridinho; Fado Falado; Gato que brinca na rua; Guardador de margens; Isto; Liberdade; Ode à Poesia; O Guardador de rebanhos; O menino de sua mãe; O Poeta é um fingidor; Outro poema; Procissão; Passos da Cruz; Soneto de Bocage.

... e o incontornável... Cântico negro - Consta que após a leitura deste último poema, no Teatro de S. Luís, recebeu uma ovação ininterrupta de perto de 30 minutos, que constitui ainda hoje um record nacional em qualquer tipo de espectáculo.

Fontes: <http://jvillaret.com.sapo.pt/> - Wikipédia

### Cântico Negro

"Vem por aqui" --- dizem-me alguns com olhos doces,  
Estendendo-me os braços, e seguros  
De que seria bom se eu os ouvisse  
Quando me dizem: "vem por aqui!"  
Eu olho-os com olhos lassos,  
(Há, nos meus olhos, ironias e cansaços)  
E cruzo os braços,  
E nunca vou por ali...

A minha glória é esta:  
Criar desumanidade!  
Não acompanhar ninguém.  
- Que eu vivo com o mesmo sem-vontade  
Com que rasguei o ventre a minha mãe

Não, não vou por aí! Só vou por onde  
Me levam meus próprios passos...

Se ao que busco saber nenhum de vós responde  
Por que me repetis: "vem por aqui!"?

Prefiro escorregar nos becos lamacentos,  
Redemoinhar aos ventos,  
Como farrapos, arrastar os pés sangrentos,  
A ir por aí...

Se vim ao mundo, foi  
Só para desflorar florestas virgens,  
E desenhar meus próprios pés na areia inexplorada!  
O mais que faço não vale nada.

Como, pois sereis vós  
Que me dareis impulsos, ferramentas e coragem  
Para eu derrubar os meus obstáculos?...  
Corre, nas vossas veias, sangue velho dos avós,  
E vós amais o que é fácil!  
Eu amo o Longe e a Miragem,  
Amo os abismos, as torrentes, os desertos...

Ide! Tendes estradas,  
Tendes jardins, tendes canteiros,  
Tendes pátria, tendes tectos,  
E tendes regras, e tratados, e filósofos, e sábios...  
Eu tenho a minha Loucura!  
Levanto-a, como um facho, a arder na noite escura,  
E sinto espuma, e sangue, e cânticos nos lábios...

Deus e o Diabo é que guiam, mais ninguém.  
Todos tiveram pai, todos tiveram mãe;  
Mas eu, que nunca principio nem acabo,  
Nasci do amor que há entre Deus e o Diabo.

Ah, que ninguém me dê piedosas intenções!  
Ninguém me peça definições!  
Ninguém me diga: "vem por aqui!"  
A minha vida é um vendaval que se soltou.  
É uma onda que se alevantou.  
É um átomo a mais que se animou...  
Não sei por onde vou,  
Não sei para onde vou  
- Sei que não vou por aí!

Declamado por João Villaret